

## **A RAÇA DE SUÍNOS MOURA COMO ALTERNATIVA PARA A PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA DE CARNE**

**Jerônimo A. Fávero<sup>1</sup>; Elsio P. de Figueiredo<sup>1</sup>; Luiz M. Fedalto<sup>2</sup>; Nilson Woloszyn.<sup>1</sup>**

Palavras-chave: suíno, moura, produção orgânica

### **INTRODUÇÃO**

A raça Moura (MO) foi bastante difundida no Sul do Brasil, nas primeiras décadas do século passado, não havendo registro de sua origem. Tudo indica que os indivíduos dessa raça sejam descendentes de raças Ibéricas introduzidas pelos portugueses logo após o descobrimento do Brasil. As primeiras iniciativas de formação de plantel para seleção e fomento da raça MO, ocorreram no Estado do Paraná, inicialmente pela Universidade Federal do Paraná (UFPr), em 1985, e mais tarde pela empresa Café do Paraná. Os primeiros registros genealógicos da raça foram emitidos pela Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS) em 1990, ano que marcou a abertura do Pig Book Brasileiro (PBB) da Raça MO. Dois outros criadores, também do Paraná, iniciaram a registrar animais MO a partir do ano 1992. Todas essas iniciativas, no entanto, não tiveram continuidade, pois os últimos registros da raça foram emitidos pela ABCS em 1995. A preservação de material genético tem sido um tema muito discutido nos dias atuais, pois os processos intensivos de seleção, concentrados em algumas raças, tem diminuído a variabilidade genética das espécies e a biodiversidade, causando ao mesmo tempo perdas no que diz respeito à qualidade da carne e a resistência às doenças. Outro aspecto importante diz respeito a crescente demanda da sociedade, em especial aquela de maior poder aquisitivo, por produtos mais naturais ou orgânicos, incluindo aí a carne suína produzida seguindo os preceitos do bem-estar animal e utilizando rações com o mínimo de aditivos. Também é motivo relevante a preocupação crescente com a sobrevivência da propriedade familiar, entendida como exploração de pequeno e médio porte, que necessita produzir alimentos para atender o consumo próprio, incluindo a banha, e para a venda do excedente com maior valor agregado, sob a forma de cortes “in natura”, defumados e embutidos. Essas três bases apresentadas sugerem o estudo e a disponibilização de material genético alternativo para a suinocultura, buscando reunir em um único animal características diferenciadas de rusticidade, aproveitamento de alimentos disponíveis na pequena propriedade rural, produção de carne com maior índice de

---

<sup>1</sup>Embrapa Suínos e Aves, Concórdia, SC. e-mail: [favero@cnpas.embrapa.br](mailto:favero@cnpas.embrapa.br)

<sup>2</sup>Universidade do Contestado – Campus de Canoinhas, Canoinhas, SC.

marmoreio e melhor cobertura de gordura na paleta e no pernil, com vistas a produção de produtos curados com alto valor agregado, a exemplo dos presuntos espanhóis. Pode-se acrescentar a esses objetivos a redução do custo de implantação de um sistema de produção, considerando que os animais poderão ser facilmente criados em “Sistemas Intensivos de Suínos Criados ao Ar Livre (SISCAL) nas fases de gestação e lactação e em cabanas com cama sobreposta durante os períodos de creche, crescimento e terminação. A Embrapa Suínos e Aves, preocupada com a oferta de soluções tecnológicas para a agricultura familiar, iniciou em 2003 a formação de um plantel de suínos da raça MO, partindo de 12 fêmeas e 3 machos recebidos da UFPr, que, apesar de não registrar animais desde 1995, manteve até o ano 2000 o controle da base genética. Dessa forma a raça MO voltou a ser controlada pela ABCS, tendo sido expedidos os primeiros registros genealógicos em março do corrente ano. O objetivo do presente trabalho é apresentar informações preliminares de produtividade da raça MO, comparativamente aquela obtida por suínos de abate produzidos a partir de genótipos comerciais modernos.

### **MATERIAL E MÉTODOS**

Os animais recebidos da UFPr foram reproduzidos em SISCAL com o objetivo inicial de multiplicação e posterior formação de uma população base que será utilizada para manter a raça pura e estudar cruzamentos com raças exóticas. As fêmeas foram mantidas em piquetes com abrigo durante as fases de gestação e lactação. Após o desmame os leitões foram transferidos para a fase de creche em cabanas com cama sobreposta, sendo o crescimento e a terminação realizados em baias com 6 a 8 animais em confinamento total. Em todas as fases de criação os animais foram alimentados com rações balanceadas recomendadas para os genótipos modernos. Com o objetivo de estabelecer uma comparação de produtividade, foram levantados dados reprodutivos, de performance e de carcaça dos suínos produzidos, durante o mesmo período, pela Embrapa Suínos e Aves em sua Unidade Demonstrativa, descendentes de fêmeas F1 Large White (LW) x Landrace (LD) e machos Embrapa MS60 (Tabela 1).

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados obtidos com os animais de genótipo moderno, descendentes de raças exóticas, criados em confinamento total e com os animais MO puros, mantidos na fase reprodutiva em SISCAL, na creche em cabanas sobre camas e no crescimento e terminação confinados, são apresentados na Tabela 1. No que diz respeito a prolificidade, observa-se uma superioridade próxima de 13% para a média de leitões

nascidos, em benefício das fêmeas F1. É importante frisar, no entanto, que as fêmeas MO apresentavam idade média superior a dois anos, diferentemente das F1 que, por obedecerem um esquema de reposição constante, estavam dentro da faixa etária recomendável para garantir alta prolificidade. Quanto a alta taxa de natimortos observada na raça MO (19,13%), deve-se considerar que durante a gestação as fêmeas apresentaram um comportamento selvagem, em razão de não estarem acostumadas ao SISCAL, provocando sintomas claros de estresse. A raça MO apresentou também uma mortalidade na fase de amamentação de quase duas vezes aquela apresentada pelas fêmeas F1, porém, esse resultado deve levar em consideração que, pelas características do SISCAL, os leitões estão mais sujeitos ao esmagamento e correm maiores riscos do que aqueles criados em baias parideiras. Tanto na maternidade como na creche os leitões de ambos os genótipos tiveram um ganho de peso equivalente, porém, a progênie das F1 converteu melhor a ração (1,43) do que os leitões MO (1,58). Há, no entanto, que se considerar as diferenças de ambiente a que foram expostas as distintas progênies. Nas fases de crescimento e terminação os suínos MO demoraram 42,5 dias a mais do que o genótipo moderno para atingir o peso de abate de 93 kg, consumindo 38,8% mais ração. A mortalidade inferior dos MO nessas fases podem estar evidenciando uma característica de maior rusticidade. Com relação aos dados de carcaça, a espessura de toucinho dos suínos MO é quase o dobro daquela apresentada pelos cruzados (29,35 vs 15,57) e o percentual de carne 8,66% inferior (49,07 vs 57,73%) para um peso semelhante de carcaça quente. São poucos os trabalhos desenvolvidos com a raça MO, destacando-se aqueles realizados pela UFPr (Fedalto et al., 2001 e Tkacz et al., 2002), os quais mostram dados reprodutivos e de desempenho inferiores aos obtidos no presente trabalho, possivelmente pelo fato dos suínos terem sido criados em distinto meio ambiente, incluindo alimentação com base em subprodutos agrícolas e restos de comida do restaurante universitário complementados com rações balanceadas.

### **CONCLUSÕES**

Ficou evidente que a raça MO apresenta índices de produtividade inferiores aqueles obtidos pelos genótipos modernos, porém, apesar de ainda não terem sido analisados, existem evidências de superioridade em relação aos parâmetros de qualidade da carne, em especial aqueles exigidos para a produção de presuntos curados, com possibilidade de agregar altos valores comerciais. Além disso, como compensação as altas conversões alimentares observadas, os suínos MO, pela sua rusticidade e melhor adaptação aos sistemas mais econômicos de produção, poderão mais facilmente absorver os

subprodutos da propriedade rural, tornando a exploração menos demandante de insumos de alto custo e com características ideais para a produção orgânica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fedalto, L.M.; Tkacz, M. Influência de fatores genéticos e ambientais sobre as características produtivas de suínos da raça Moura em um rebanho de preservação da UFPr. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE VETERINÁRIOS ESPECIALISTAS EM SUÍNOS, 10., 2001. Porto Alegre, RS. Concórdia: Embrapa-CNPSA, 2001. CD-ROM.

Tkacz, M.; Fedalto, L.M. Desempenho produtivo de suínos da raça Moura e seus cruzamentos com Landrace e Large White. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE SUINOCULTURA, 1., 2002. Foz do Ituaçu, PR. Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2002. CD-ROM.

Tabela 1. Dados reprodutivos, de desempenho e de carcaça de suínos descendentes de genótipos modernos e puros da raça Moura.

Indicativos	Suínos cruzados F1(LWxLD) x MS60	Suínos Puros Moura
	Confinados	SISCAL
<b>Dados reprodutivos</b>		
Número de partos	45	20
Média nascidos totais/Parto	12,00	10,45
Média nascidos vivos/Parto	11,50	8,30
Peso médio ao nascer (kg)	1,50	1,82
Natimortos (%)	3,50	19,13 <sup>(1)</sup>
Mumificados (%)	0,00	1,43
Média de desmamados/parto	10,80	7,40
<b>Desempenho na Maternidade</b>	<b>Confinados</b>	<b>SISCAL</b>
Mortalidade (%)	6,09	10,84
Peso médio leitão no desmame (kg)	6,00	5,96
Idade média de desmame (dias)	21,30	21,28
Ganho de peso médio (g)	211	194
<b>Desempenho na Creche</b>	<b>Confinados</b>	<b>Cabanas sobre cama</b>
Número de animais	506	131
Peso médio de saída (kg)	21,0	22,3
Idade média de saída (dias)	59,0	62,9
Conversão alimentar (1:)	1,43	1,58
Mortalidade (%)	2,50	0,00
<b>Desempenho no Cresc. e Terminação</b>	<b>Confinados</b>	<b>Confinados</b>
Número de animais	389	79
Peso médio de saída (kg)	93,0	93,5
Idade média de saída (dias)	138,0	180,5
Conversão alimentar (1:)	2,24	3,11
Mortalidade (%)	6,30	4,65
<b>Dados de Carcaça</b>		
Número de animais	356	42
Peso médio carcaça quente (kg)	67,51	65,31
Espessura de toucinho (mm)	15,57	29,35
Profundidade de lombo (mm)	57,13	47,43
Carne (%)	57,73	49,07

<sup>(1)</sup> Fêmeas não adaptadas ao SISCAL apresentando sintomas de estresse.